

FUNGICIDAS EM MILHO EM CONDIÇÃO DE BAIXA PRESSÃO DE DOENÇAS: UMA MEDIDA NECESSÁRIA?

Maria Cristina Kalil Rocha⁽¹⁾, Ítala Ferreira Rodrigues⁽²⁾, Arthur Monteiro de Andrade⁽³⁾, Fernanda Rodrigues da Silva⁽⁴⁾, Beatriz Rodrigues Rocha⁽⁵⁾, Francelino Petenó de Camargo⁽⁶⁾, Agnelia Luiza Pereira Costa⁽⁷⁾, Micaele Rodrigues de Souza⁽⁸⁾, Luciano Viana Cota⁽⁹⁾, Dagma Dionísia da Silva Araújo⁽¹⁰⁾, Rodrigo Estevam Munhoz de Almeida⁽¹¹⁾, Rodrigo Vêras da Costa⁽¹²⁾

Palavras-chave: *Zea mays*, controle-químico, estádios fenológicos.

O uso de fungicidas em milho tem se tornado uma prática frequente em todas as regiões produtoras do Brasil. Em muitos casos, esses produtos têm sido utilizados independentemente da existência ou da intensidade das doenças nas lavouras, como uma forma de aumento da produtividade. Além disso, tem-se observado o uso de fungicidas em diferentes fases da cultura, buscando melhor ajuste operacional e melhor resposta no rendimento. Contudo, permanecem escassas as informações científicas acerca da relação entre estágio fenológico, quantidade e necessidade do uso de fungicidas frente à intensidade de doenças foliares presentes nas lavouras. O objetivo deste trabalho foi determinar os efeitos da aplicação de fungicidas foliares, em diferentes números de aplicação e estádios fenológicos, no controle de doenças e na produtividade da cultura. O híbrido Touro Vip3 foi semeado em 28/02/2024, na área experimental da fazenda Invernadinha, no município de Paraíso – TO. O delineamento experimental foi de blocos casualizados, com quatro repetições. As parcelas foram constituídas por quatro linhas de cinco metros, com 0,5m de espaçamento entre linhas e média de 65 mil plantas/ha. Os princípios ativos foram: Azoxistrobina+Difenoconazol (Azo+Dif), Ciproconazol+Picoxistrobina (Cip+Pic), Difenoconazol (Dif), Fluxapiroxade+Protiocanazol (Flu+Prot) e Propiconazol+Difenoconazol (Prop+Dif). Foram utilizados 9 tratamentos, com base no estágio fenológico e número de aplicação dos fungicidas (L/ha): T1 (V8: 0,6 de Cip+Pic e 0,2 de Prop+Dif); T2 (V4: 0,3 de Dif; V8: 0,6 de Cip+Pic e 0,2 de Prop+Dif); T3 (V8+15: 0,3 de Azo+Dif); T4 (V8+15: 0,3 de Flu+Prot); T5 (V4: 0,3 de Dif; V8+15: 0,3 de Azo+Dif); T6 (V8: 0,6 de Cip+Pic e 0,2 de Prop+Dif; V8+15: 0,3 Azo+Dif); T7 (V4: 0,3 de Dif; V8: 0,6 Cip+Pic e 0,2 Prop+Dif; V8+15: 0,3 de Azo+Dif); T8 (V8: 0,6 de Cip+Pic e 0,2 de Prop+Dif; V8+15: 0,3 de Azo+Dif; V8+30: 0,4 de Azo+Dif); e T9 (testemunha sem fungicida). As pulverizações foram realizadas utilizando-se um pulverizador costal, pressurizado a CO₂, com vazão constante de 200 L/ha. Aos 89 dias após o plantio avaliou-se a severidade das doenças foliares presentes nas plantas e ao final do ciclo realizou-se a colheita das duas linhas centrais das parcelas para determinação da produtividade (sc/ha). Os dados foram submetidos à análise de variância e as médias foram comparadas entre si pelo teste de Scott-Knott ($P \leq 0,05$). Não houve diferença significativa entre tratamentos para as variáveis severidade de doenças foliares e produtividade. A produtividade média do experimento foi 152 sc/ha. A média dos tratamentos com fungicida e da testemunha foi de 152 e 151 sc/ha, respectivamente. Durante o experimento foi observada baixa severidade de doenças foliares na área experimental, sem diferença significativa entre a testemunha sem fungicida e os demais tratamentos. Para mancha de bipolares, doença predominante no experimento, a severidade média foi de 1,62 e 1,75 para os tratamentos com fungicida e testemunha, respectivamente. De acordo com os resultados, em situação de baixa pressão de doenças o uso de fungicidas não resultou em incrementos de produtividade na cultura do milho.

Fonte financiadora: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

(1,2)Engenharia Agrônoma, Bolsista graduação, Instituto Federal do Tocantins, Palmas – TO. E-mail: mariacristinamckr@gmail.com; itilarodrigues@gmail.com.

(3)Engenharia Agrônoma, Bolsista graduação, Universidade Estadual do Tocantins, Palmas – TO. E-mail: arthurmonteiro@unitins.br.

(4)Engenharia Agrônoma, Bolsista graduação, Universidade Luterana do Brasil, Palmas – TO. Email: fernandarodriguesilva@gmail.com.

(5)Engenharia Agrônoma, Bolsista pós-graduação, Embrapa Pesca, Aquicultura e Sistemas Agrícolas, Palmas – TO. E-mail: beatrizrocha300@gmail.com.

(6)Engenheiro Agrônomo, Analista, Embrapa Pesca, Aquicultura e Sistemas Agrícolas, Palmas – TO. E-mail: francelino.camargo@embrapa.br.

(7,8)Engenheira Agrônoma, Bolsista, Embrapa Milho e Sorgo, Sete Lagoas – MG. E-mail: agnelialuizacosta@gmail.com; micaele.souzasp@gmail.com.

(9)Engenheiro Agrônomo, Pesquisador, Embrapa Pesca, Aquicultura e Sistemas Agrícolas, Palmas – TO. E-mail: rodrigo.almeida@embrapa.br.

(10,11,12) Engenheiro Agrônomo, Pesquisador, Embrapa Milho e Sorgo, Sete Lagoas – MG.

E-mail: luciano.cota@embrapa.br; dagma.silva@embrapa.br; rodrigo.veras@embrapa.br.